

A Pirata, de Luísa Costa Gomes

Depois foram passear a um bosque que havia ao pé de casa. Mas Jenny ia outra vez a pensar no futuro. Sabia que não podia continuar muito mais tempo em casa de Rose. Tudo o que tinha era para lhe pagar a hospedagem e mesmo assim sobrava uma dívida. Mary começou a trepar a um grande carvalho, pé aqui, pé ali, e a mãe sentou-se à beira de um regato a olhar para a água que corria entre as pedras. Nesta altura ouviu uma voz atrás dela que dizia muito alto:

- Mas que belo pimpolho vossemecê ali tem! [...]
- Está bom o seu menino, está forte! - disse o pastor.

Uma ovelha, lá ao fundo, no pasto, baliu. Jenny ia para responder que Mary não era menino, que era menina, mas alguma coisa a parou, porque acabava de ter o princípio de uma ideia, mas ainda não era uma ideia toda bem formada, era só o rabinho de uma ideia, como um gato com o rabo de fora. E enquanto assistiam às loucas habilidades do cão pastor, Jenny foi puxando pelo rabo da ideia, até que ela se mostrou completamente e a ideia toda era esta assim: a avó de Mark. Isto é o que se chama em Filosofia uma síntese. Porque a ideia toda completa e por extenso era mais comprida: se fosse possível enganar a avó de Mark, Mrs. Read, mãe do pai de Mark e sogra de Jenny, convencendo-a de que Mary era o irmão (que morrera mas ela não sabia), então ela havia de ajudar Jenny a criar o que ela julgava ser o seu próprio neto. Jenny achou que teria de usar este estratagema. Os estratagemas servem é para serem usados em situações como esta. E assim Mary tornou-se no seu irmão e foi com a mãe para Londres, conhecer a "avó".

GOMES, Luísa Costa – *A Pirata*. 3.ª ed. Alfragide: D. Quixote, 2012. 978-972-20-3195-0. pp.20-21 [com supressões]